

Mulheres fumadoras

POR

Margarida Ribeiro

Conservadora-Ajudante do Museu Nacional de Arqueologia
e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos)

Em 1918, Alberto Souza fixou numa das suas aquarelas uma figura feminina da cidade de Évora ⁽¹⁾, popularmente conhecida por «Tia Teodósia» e que mostramos na figura 1.

A atitude, o vestuário e todo o característico desta figura nos prendeu a atenção. Nela se encontram sintetizados ideais femininos que transcenderam os horizontes sociais da sua condição e época, mostrando, bem definidos, traços psicológicos que caracterizaram a humilde mulher do povo que, embora vítima do falar jocoso, enfrentou com indiferença e coragem consciente os preconceitos do seu meio e dos seus contemporâneos.

No estudo da vida de relação, o individuo não é um ser abstracto, pois a sua actividade psicológica, as crenças, as tradições, as ideias estão ligadas à vida colectiva e a um princípio de socialização.

O pensamento autístico, puro, não corresponde, como está demonstrado, a uma realidade. Em toda a expressão do individuo se mantém o coeficiente social do grupo ou da comunidade a que pertence.

No campo da Etnologia, o enquadramento resultante da relação do ambiente com a época dá-nos sempre informações úteis

(1) A aquarela pertenceu à colecção de D. Sebastião Pessanha. Tem as dimensões 0,36 × 0,27 cm e encontra-se reproduzida no álbum *Alberto Sousa — Cinquenta anos de vida artística*, Lisboa (Bertrand, Irmãos, Lda.), 1950, fasc. n.º 3, p. 91.

para coordenação sincrónica de factos e respectivo ajustamento cronológico do conjunto observado.

Lógicamente, o comportamento da «Tia Teodósia» preocupou-nos o espírito e levou-nos a averiguar, se o vício de fumar seria, da parte das mulheres do nosso povo, um caso accidental e esporádico. Em breve verificámos que nos encontrávamos em presença de um costume ainda vivo nos nossos dias.

Nos concelhos de Mértola, Alcoutim, Almodôvar e Lagoa, as mulheres, geralmente depois dos 50 anos, entregam-se ao vício do tabaco.

Observámos o costume em Mértola e nas aldeias de Vicentes, Lombardos, Bicada, Espírito Santo, Álamo, Furnoa, Marrocos e Roncão, do mesmo concelho; em Pé-de-Boi, concelho de Almodôvar; em Vaqueiros e Martim Longo, no concelho de Alcoutim; e em Ferragudo, no concelho de Lagoa.

Enquanto nos concelhos de Almodôvar, Mértola e Alcoutim o costume se mantém muito recatado e é quase geral, nestes dois últimos, o uso de uma *cachimbeta* para absorção do fumo do tabaco, em Ferragudo notámos que a mulher se expõe um pouco confiadamente e utiliza o cigarro, enrolado em papel fino e por suas próprias mãos, sendo hábito fumá-lo à tarde, sentada à porta de casa.

Em Vaqueiros, as mulheres idosas, viúvas ou não, recolhem-se para tomar o fumo, fazendo-o geralmente à noite, na cama, quando se deitam.

No concelho de Mértola, notámos que algumas mulheres da mesma família ou muito íntimas tomam o fumo na sua cachimbeta e oferecem-no a outra, em conversa amena de convívio, nas tardes de soalheira, quando se encontram seguras de que nenhum homem ou gente estranha as observa (fig. 2).

É difícil presenciar uma cena destas, mas consegue-se participar nela, depois de integrados e de se ter conquistado a confiança desta boa gente que, familiarmente, nos vai contando as suas preocupações ou nos escuta respeitosamente e com muito interesse.

Toda a gente sabe deste entretenimento, mas ninguém ousa abordar ou comentar o assunto.



Fig. 1 — A «Tia Teodósia». Aguarela de Alberto Souza datada de 1918

(Foto de Santos de Almeida)

Os lojistas de Mértola, quando alguma mulher compra tabaco, obtêm dela a justificação de que o tabaco é para o marido, para o filho, ou para um parente ou vizinho, mas jamais para ela.

Adquirem sempre um pequeno pacote que, talvez por razão do peso, tem a designação de «onça» e preferem a marca «Duque».



Fig. 2 — Cena fotografada em Novembro de 1964, na freguesia de Espírito Santo (Mértola)

(Foto de Margarida Ribeiro)

Trata-se de um tabaco forte, mas de inferior qualidade e por isso barato ⁽²⁾.

É pela frequente aquisição de onças de tabaco que os lojistas de Mértola sabem quem são as mulheres do concelho que *pegam no tabaquinho*, pois este é comprado, de preferência, na vila.

⁽²⁾ Em Novembro de 1964, cada onça de tabaco «Duque» custava, em Mértola, 3\$10.

Pegar no tabaquinho é uma locução muito conhecida da linguagem popular de Mértola e equivale à expressão *ter o vício de fumar*.

Em Marrocos e Roncão, no concelho de Mértola, subsiste também o hábito de aspirar tabaco pelo nariz, sem produção de fumo.

Em matéria de sociologia e de psicologia muito há para dizer, quanto ao aspecto de costumes, de preconceitos e da própria sugestão que os mesmos provocam no pensamento por intermédio da vida de relação.

É cedo, contudo, para fazer doutrina, embora estejamos convencidos de estar em presença de um costume que tem, necessariamente, o seu enquadramento histórico, a ambiência e nível de cultura que o determinaram.

Conhecer a sua origem e processo de aculturação é uma tarefa a realizar, pois é certo e provado que houve e há, em Portugal, mulheres fumadoras que tomaram e tomam o fumo do tabaco como sedativo e para distracção.

Sabemos qual a importância que o tabaco assumiu como panaceia e as polémicas que o seu uso provocou entre os físicos da época, o que torna indispensável considerar o assunto não só nos aspectos social, psicológico e moral, como, também, no aspecto da medicina popular (3).

Pedro de Azevedo, na sua obra *O tabaco ou herva santa* (4) dá notícia de, em 1595, na confissão ao Tribunal do Santo Ofício da «índia brasila» Iria Álvares, acusada de bigamia, constar que a mesma tomara fumos da *erva-santa*.

É a fumadora mais antiga que conhecemos, até ao presente, e, segundo se verifica no intróito do citado estudo de Pedro de

(3) Nas aldeias de Vicentes e Roncão, as mulheres socorrem-se do tabaco para combater o nervosismo da idade crítica.

No aspecto de medicina popular, veja-se a importante bibliografia de Pedro de Azevedo e de Cláudio Basto, e notem-se os modernos trabalhos de medicina histórica e comparada do Professor Doutor Luís de Pina.

(4) Publicado na revista *A Tradição*, Ano III, vol. III, números 8 e 9, Serpa, Agosto e Setembro de 1901, pp. 122-123 e 133-137.

Azevedo, o costume de as mulheres portuguesas fumarem tabaco não é negado por este probo e esclarecido autor, que declara ser o facto motivo de estranheza, na data da publicação do seu trabalho.

As razões determinantes que levaram certas mulheres a abandonar o isolamento e a romper o segredo, talvez motivadas por abrandamento do rigor das leis e dos costumes, constituem, com todas as implicações sociais e psicológicas inerentes, o aspecto humano e moral da questão.

Porém, é graças a esta deliberação resultante de um estado psicológico depressivo ou de reacção estimulante que podemos tomar conhecimento deste costume exótico.

Ficam portanto anotados os elementos que servirão de base para novas e mais profícuas investigações.

*

* *

O vocábulo *tabaco*, segundo Pedro de Azevedo, data do século xvii e entrou em Portugal por influência espanhola.

Originária da América, contrariamente às doutrinas de Pouchon, a planta solanácea, que foi primeiramente conhecida pelo nome *betum*, atribuído pelos indígenas do Brasil, e mais tarde vulgarmente designada por erva-santa ⁽⁵⁾, constituiu no nosso país um grave problema social.

⁽⁵⁾ Damião de Góis menciona, além das designações apontadas no texto, a de *erva do fumo*.

Transcrevemos, para conveniente apreciação, o passo em que aquele cronista se refere ao uso do tabaco pelos indígenas do Brasil: ... *ai muitas ervas odoríferas, e medicinaes, dellas diferentes das nossas, entre as quaes he a que chamamos do fumo, e eu chamaria erva Santa, a que dizem que elles chamão Betum, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de que eu via a experiencia, principalmente em casos desesperados, de aposthemas ulceradas, fistolas, caranguejas, polipos, frenesis e outros muitos casos.* Cf. *Chronica D'El-Rei D. Manue!* (Bibliotheca de Classicos Portugueses), Lisboa, 1909, vol. II, cap. lvi, pp. 48-49.

A rápida aceitação da planta como droga curativa e alívio de todos os males, o vício provocado pelo fumo sorvido ou aspirado pelo nariz, a provável aculturação do vaticínio, do sortilégio e da adivinhação por intermédio da embriaguez causada pelo fumo e a propagação da planta na agricultura motivaram uma atenta vigilância da parte das autoridades e consequente aplicação de medidas severas.

O uso do tabaco como droga curativa teve uma origem popular, ao contrário do ópio que, segundo Sprengel, chegou ao Ocidente na época das Cruzadas, sendo referido na Farmacopeia portuguesa do século XVI por Duarte Barbosa.

No aspecto de costumes e como atentado à moral da época, o vício e consequente degradação causada pelo fumo devido à acção da nicotina nos centros nervosos e a utilização daquele para fins mágicos, à semelhança do que se lê na Crónica de D. Manuel sobre os *pagés* ou feiticeiros das tribos autóctones do Brasil ⁽⁶⁾, e como parece inferir-se da confissão de Iria Álvares ao Tribunal do Santo Ofício, foram objecto de vigilância, sendo os infractores punidos com severidade.

É interessante notar, porém, o abrandamento desse rigor e a generalização do hábito de fumar tabaco um século depois de realizadas as primeiras experiências do fumo, atribuídas à tripulação comandada por Colombo, e da introdução da planta na Península.

O moralista e filósofo que foi D. Francisco Manuel de Melo, criticando na sua *Carta de guia de casados* o vício da mentira entre os rapazes, diz ser preferível e menos pernicioso que eles tomem o vício de fumar tabaco.

(6) Pedro de Azevedo transcreve na sua referida obra o supracitado passo da Crónica de D. Manuel. Julgamos oportuno, porém, reproduzi-lo integralmente para compreensão do exposto e facilidade de análise: ... «São muito dados a agouros, feitiços, e deste officio ha entrelles homens, e molheres, a que chamão pagés, aos quaes crem tudo o que dizem, e que os tem em muita estima, e acatamento. Estes trazem huma cabacinha feita com cabeça de homem com boca, narizes, olhos, e cabellos, posta sobre huma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas de herva Beçum e do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, ate que com elle se embebêdam e depois de bem torvados, fazem geitos»...

Quanto ao cachimbo, trata-se de um objecto de uso geral na América, na data das descobertas, encontrando-se associado ao fumo do tabaco.

A planta, segundo a distribuição geográfica das espécies selvagens, parece ser originária do Peru. Era conhecida não só das populações agrícolas do Novo Continente, como das tribos colectoras da costa do Pacífico da América do Norte.

O cachimbo é antiquíssimo na Ásia Central, de onde se crê ser originário, tendo-se difundido pela Europa, como se comprova com os exemplares de barro grosseiro que têm sido encontrados nos territórios do Império Romano do Ocidente (7).

Na América, o cachimbo mais antigo data do século VII, tendo aparecido no Estado de Oaxaca, pois só no século XI foi conhecido no México (8).

O cachimbo brasileiro do século XVI, tal como o descreve Damião de Góis, é feito com elementos vegetais, mas os exemplares americanos mais antigos são de barro e de ardósia (9).

O cachimbo actual difere do seu congénere americano, arcaico, pela adaptação da parte tubular à aspiração do fumo pela boca, ao contrário daquele cujo forninho era elevado e se acomodava ao nariz para aspiração nasal do fumo, presumindo-se até que a boquilha não era perfurada e tinha, como se deduz, a função de segurar o aparelho por pressão dos maxilares (10).

Quanto à cachimbeta usada em Mértola, de onde provém o exemplar que reproduzimos (fig. 3), é possível que a sua antecessora tivesse dado origem a variantes, mas não as descobrimos. É semelhante às que observámos em Vaqueiros, não nos repugnando admitir ser esta a forma que, por ser comum e generalizada, substitui a anterior que, por hipótese, presumimos que haja sido totalmente talhada à navalha e de pequenas dimensões.

(7) *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editoria] «Verbo», vol. IV, Lisboa, 1966, col. 366.

(8) *Dictionnaire Archéologique des Techniques*, Editions de L'Accueil, t. II, Paris, 1964, p. 853.

(9) Id., *Ibid.*, pp. 853 e 941.

(10) Id., *Ibid.*, p. 853, fig. (*Pipe en céramique provenant de l'État de Oaxaca*).

A cachimbeta actual é de tipo tubular, apresentando, por consequência, as características do cachimbo primitivo. Trata-se, porém, de um aparelho conseguido por enxerto de uma boquilha de corno, ainda muito frequente nas feiras do Alentejo durante os anos 1925-1935, num forninho de raiz de esteva, talhada à navalha.

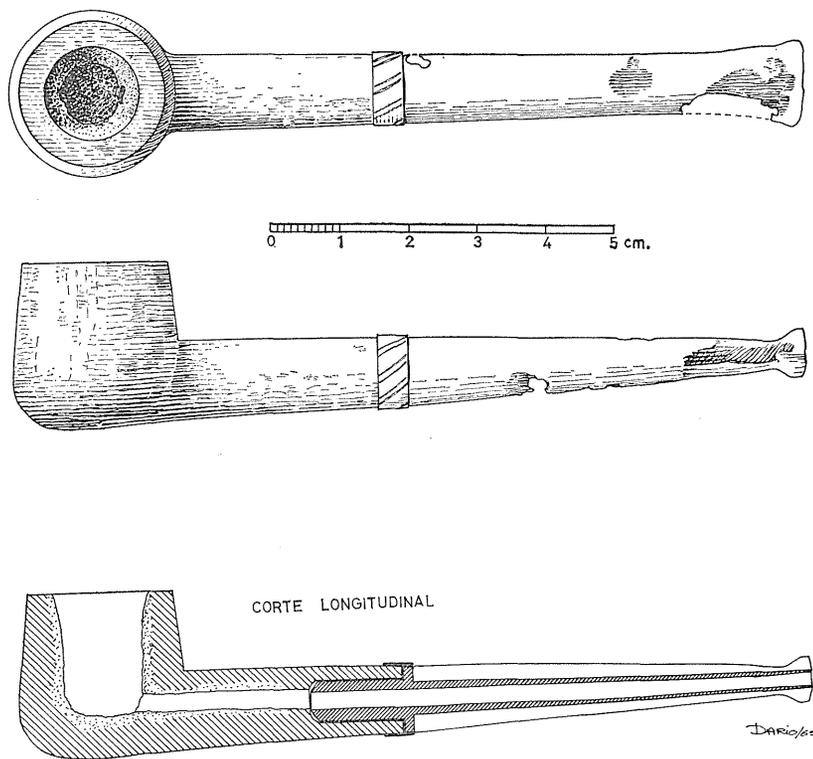


Fig. 3 — Cachimbeta proveniente da aldeia de Vicentes (Mértola)

A ligação da boquilha com o forninho é ajustada e fortalecida com a anilha de latão que protege do fogo a extremidade terminal daquela e que sofre, para o efeito, um corte de cerca de centímetro e meio com redução total dessa extensão ao tubo interior da boquilha, como pode observar-se no corte longitudinal da cachimbeta (fig. 3), a fim de ser introduzida no tubo do forninho.

A execução do fornildo é um trabalho de pastor, assim como a adaptação da boquilha de corno ao mesmo.

O objecto descrito foi comprado na aldeia de Vicentes, em 1964. Calculamos que terá mais de 40 anos. Foi vendido por estar posto de parte, devido aos estragos que a boquilha apresenta numa grande extensão, provocados pelo bicho ⁽¹¹⁾.

Embora se creia que o cachimbo é originário da Ásia Central, as descobertas arqueológicas realizadas na Europa revelaram, segundo Joaquín Verdager, que o cachimbo foi utilizado neste continente desde a Idade da Rena, o que prova com o achado de cachimbos de osso no Jura ⁽¹²⁾.

Sabe-se que o fogo, o fumo e o fumar têm uma origem religiosa e sabe-se também que é Plínio quem nos dá os mais antigos relatos do emprego do fumo em medicina.

Os cachimbos romanos de bronze, de barro e de *terra sigillata*, que podem admirar-se no Museu Britânico, provam o uso do fumo de ervas aromáticas e mostram que o cachimbo fez, na Europa, a partir do século XVI, o segundo aparecimento, em consequência da descoberta do tabaco.

O assunto que tratámos está ligado, como julgamos, à introdução em Portugal da *erva-santa* ou *betum*.

As mulheres fumadoras, por força de se acostumarem a aspirar fumos de tabaco, apesar do recato da noite e do segredo que mantinham, são referidas no cancionero popular da raia portuguesa com o tom acusatório e zombeteiro do vizinho de ao pé da porta.

(11) A cachimbeta tem as seguintes dimensões expressas em milímetros:

Comprimento total: 116.

Comprimento do tubo até à anilha: 58,3.

Altura do tubo junto ao fornildo: 11,3.

Largura do tubo junto ao fornildo: 10,7.

Altura do fornildo: 23,8.

Largura exterior e lateral do fornildo junto ao tubo: 23,7.

Diâmetro superior e externo do fornildo: 20,6.

Diâmetro superior e interno do fornildo: 13,7.

(12) *El arte de fumar en pipa*, Barcelona (Plaza & Janes), 1964.

Reproduzimos, por amável informação do ilustre etnomusicólogo Professor Artur Santos, a seguinte quadra recolhida na raia portuguesa por este citado etnomusicólogo e com a qual corroboramos o costume cujo enquadramento histórico fixamos, por agora e sob reserva, no final do século XVI:

*A espanhola 'stá doente
Não é à falta de trato,
Que ela tem à cabeceira
Rôba e meia de tabaco.*